

Sumário

Estado de Minas - 17/10/2017

Ginástica para o cérebro.

Disponível em:



Ginástica para o cérebro

CHRISTINA FABEL

Diretora de ensino do Colégio ICJ e presidente do Conselho de Mulheres Empreendedoras do ACMinas

Superamos o debate sobre a necessidade de domínio da língua inglesa frente à internacionalização das relações humanas e nos debruçamos, agora, nas discussões acerca da educação bilíngue desde os primeiros anos de escolarização. Os estudos nas áreas da linguística, da psicologia e da neurociência demonstram os resultados positivos para as crianças expostas a dois idiomas, como antecipação da consciência metalinguística e desempenho superior nas tarefas que exigem maior demanda cognitiva. Esse é o momento de nos comprometermos com uma política que fomente a aquisição de um segundo idioma, a fim de preparar melhor aqueles que serão recebidos por um mercado de trabalho altamente competitivo, independentemente da profissão que escolherem.

O salário daqueles que falam em inglês de forma fluente chega a ser 60% superior em relação aos profissionais que não têm essa habilidade. De modo geral, apenas 5% da população brasileira domina a língua da comunicação mundial. Em 2005, a estudiosa Vera Lúcia Menezes Paiva apontou que o idioma está presente na metade dos 10 mil jornais do mundo e em mais de 80% dos trabalhos científicos. É um caminho irreversível. É tempo de estabelecer a cultura bilíngue, valendo-se das vantagens de aprendizado das crianças e das fronteiras culturais cada vez mais difusas.

Compreender esses backgrounds linguísticos passa por dispersar preposições equivocadas

que associam o bilinguismo a impactos negativos. Crianças bilíngues não começam o processo de alfabetização em desvantagem, e tendem, ao contrário, a ter uma curva de aprendizado mais acelerada em relação àquelas que só falam a língua materna. Acredita-se que é preciso talento especial para aprender uma segunda língua. Não é verdade. É como aprender a se movimentar ou enxergar. Evidentemente que as atitudes dos pais em relação ao bilinguismo, o status dos idiomas na comunidade e o contexto sociocultural em que a criança vive são fatores que determinam a eficácia do processo de assimilação. Os pequenos não confundem os idiomas ou esquecem a língua materna. Tão grande é a compreensão que eles aguçam a audição e tornam-se capazes de distinguir sons semelhantes, como *bed* (cama) e *bad* (ruim). Recentemente, a *übermodel* Gisele Bündchen, casada com o esportista americano Tom Brady, declarou que conversa com os filhos em português. "A primeira palavra que eles disseram foi mamãe", revelou. Numa pesquisa pioneira sobre a relação entre a estrutura do cérebro e a linguagem na primeira infância, cientistas britânicos e americanos descobriram que a exposição ao ambiente bilíngue, antes dos 4 anos, possibilita mais chances de fluência.

Ellen Bialystok, professora de psicologia da Universidade de Nova York, mostrou que, além de vocabulários dobrados, crianças bilíngues desenvolvem habilidades cruciais, como aprender diferentes maneiras de solucionar problemas lógicos ou de lidar com tarefas múltiplas. Patricia Kuhl,

do Instituto de Aprendizagem e Ciências do Cérebro da Universidade de Washington, é uma das pesquisadoras mais respeitadas quando o assunto é bilinguismo e aquisição de uma segunda língua. Ela defende que quanto antes melhor. Esse foi um dos pilares que impulsionaram a decisão do Colégio ICJ em aderir, em 2017, à educação bilíngue, com o intuito de fornecer uma base consolidada de ensino da língua inglesa a partir de um modelo pedagógico no qual o idioma é inserido no contexto dos conteúdos curriculares.

É o momento de as escolas repensarem suas condições técnicas e pedagógicas, de modo a colocar em teste elementos subconscientes e conscientes e proporcionar um ensino de qualidade, com eficiência e metodologia adequada. Com pequenas cargas de gramática normativa e intensa prática de comunicação oral, num processo gradativo, constante e guardando relação com o cotidiano, podemos tornar as crianças aptas para viver no mundo plural e intercontinental. Cada pessoa tem seu próprio processo de aprendizado, com um ritmo diferente, necessitando, portanto, de estímulos específicos que a impulsionem. Por esse motivo, além da faixa etária, é preciso ter uma dose extra de sensibilidade.

Quando nascemos, somos praticamente folhas em branco. É a experiência cotidiana que atribui sentido e nos associa ao mundo. Imagina, então, o contato com dois idiomas quando ainda se é bebê ou criança? Não restam dúvidas sobre a importância de se formar alunos – pequenos ou não – que dominem uma segunda língua, principalmente quando se trata do inglês.